

oscilam, **de cá para lá, ao sopro que varia**¹, o vento amaina e a oscilação diminui, por fim imobilizam-se como sacas de serapilheira vazias, e tornam-se invólucros, leves, tão leves, o seu peso ficou algures, num qualquer início, quando foram tirados de casa, lhes ataram as mãos atrás das costas, e os empurraram com a coronha da metralhadora, e eles tropeçaram em todas as pedras do caminho, até nas que não havia: os pés eram um obstáculo um ao outro, agora não passam de pêndulos num bosque, onde os cães escavam furiosos.

**(lava as mãos, lava,
Até ficarem sujas de sangue)**

Pegas e corvos esvoaçam à volta deles, alguns pousam-lhes nos ombros e na cabeça, asas semiabertas num equilíbrio incerto, de súbito levantam voo, para logo voltarem a pousar, são aves irrequietas, que debicam com delicadeza, como se catassem piolhos, o cabelo do rapaz, a língua tumefacta do velho, um sinal protuberante e peludo no pescoço da mulher, não gastemos munições com esta canalha: foram as últimas palavras que ouviram, a seguir começaram a oscilar, primeiro em elongações pouco amplas, depois numa espécie de rotação, por fim o golpe de uma vertical,

(lava as mãos, lava,

Até ficarem sujas de sangue)

Os olhos do homem da mochila vão de um banco de madeira tombado na erva seca a uns chinelos de corda, de um azul debotado, sob uns pés nus de mulher, vêm e vão, vêm e vão, sem conseguirem fixar-se.

Folhas de um amarelo encarquilhado desprendem-se das árvores:

a sua queda constrói um abandono vacilante.

*

o que sobra de um cão,
 cobre-o a terra
 com a sua fome incompleta:
 a palha áspera do pêlo,
 hirtas as patas,
 arreganhados os dentes.

:

Um cão não passa
 de um cão que passou:
 semienterrado semiapodrece.

Mas um homem
 apodrece por inteiro,

:

a terra escassa da morte
 não chega para enterrar um cão,
 chega para enterrar um homem.

*

As aldeias têm uma torre sineira que replica o abandono: o silêncio ouve-se passo a passo. No deserto da rua, um homem cego, ao cantar a história de uma guerra longínqua, descobriu que não há metamorfoses no eco

Enterradas, escondidas, as minas pacientes esperam: há corpos que ainda não deflagraram: são uma pausa no tumulto do mundo. A erva acabou de nascer, dia a dia vai acabando de nascer: um movimento feliz de criança cortará cerce esse nascimento

:

os vermes foram expulsos da terra, sementes foram expulsas da sua germinação, um corpo, um pequeno corpo, foi expulso do riso.

*

O homem da mochila passa de uma destruição a outra, qualquer passagem o leva a um mundo em ruínas, a um confronto entre o que foi e o que é, com o tempo, cada ruína torna-se um objecto amável, podemos construir um castelo em ruínas com a aplicação, a paciência e a minúcia com que se constrói um arranha-céus, ou se construiu o Palácio de Versalhes, mas há os que aperfeiçoam ruínas e nunca estão satisfeitos com as que lhes saem das mãos, Hitler e Mussolini, por exemplo, entre tantos outros, as ruínas são o vestígio de um luxo, da prosperidade de uma metrópole, de campos cultivados, de fábricas em plena laboração, têm a magnificência da agonia dos reis e dos papas, mas houve a Abissínia, as aldeias de adobe, de estacas, de telhados de palha, de casas de chapa, cujo interior se transforma num braseiro no verão ou num

frigorífico no inverno, abrigos sem meio-termo, e sabe-se, é no meio-termo que se habita, esta é uma terra inóspita, sobrevoada por aviões italianos, com pilotos que se divertiam tanto, mas tanto, quando lançavam bombas incendiárias, e viam as aldeias desaparecer em chamas e fumo, nem ruínas ficavam, talvez só alguns gravatos tismados, pequenos montes de cinza, uma galinha a correr espavorida com as penas em chama, um arado tosco no meio de um eido, cabanas que não se reconstroem nem se reparam, aldeias que não reaparecem, não fica sequer a sobra de uma casa, para sobre ela, ou com ela, se refazer a casa, como aconteceu à Frauenkirche, de Dresden, onde, com as raras pedras sobrantes, arquitectos e engenheiros, pouco a pouco e com persistência, a foram reerguendo, e hoje, ei-la intacta, como se nunca tivesse sido destruída, uma ruína, qualquer ruína, é o sinal de uma existência, porém o que não deixa ruínas nunca existiu, perdemo-nos entre ruas esburacadas e prédios destruídos, mas num campo raso ninguém se perde, não há por onde, num campo raso, arrasado, não se espera chegar nem encontrar, só os olhos muito abertos, angustiados, de quem não tem um obstáculo para ultrapassar ou reconhecer, Dresden, Berlim, Hamburgo, têm uma história de ruínas, mas a Abissínia?, Hitler sorria da escolha de Mussolini, o imperador de uma terra que nem ruínas teria, quando muito, alguns montes de calça e madeiras carbonizadas, mas não vestígios de catedrais, de palácios, ou de castelos, unicamente restos anónimos, o mundo não converge para eles, com equipas de salvamento, médicos sem fronteiras, jornalistas ávidos, repórteres frenéticos, a solidariedade internacional, a Abissínia, oh! a Abissínia, que foi mudando de nome e de lugar, até não ter nome nem lugar certos, e ser um sítio algures, algures é onde?, está aqui, já está aqui, nas ruas e nos parques das nossas capitais, nos bancos dos nossos jardins, num mar de estufas de plástico,

nos contentores onde se dorme no chão, ou em beliches onde se ocupa o ar que se deveria respirar, ou ar ou gente: escolham: nem um espaço para esvoaçarem anjos, que são tão diáfanos

*

O pó respira: os prédios, ao colapsar, criam o vácuo à sua volta: eis a inspiração letal de uma derrocada: o oxigénio rarefaz-se, e as pessoas caem mortas, esmagadas pela falta de ar: ossos partidos, pulmões espalmados.

O pó tudo reduz à palavra abstracta de Deus

*

pequenos bosques de pinheiros e faias, nas traseiras de moradias térreas, onde ao sábado as mulheres põem a roupa a secar, em estendais de corda improvisados, que vão de uma árvore a outra. Nestes bosques domésticos, a terra está revolvida, e os melros catam nela sementes, minhocas e lesmas,

:

**Pegas e corvos escrevem o texto clandestino de Deus.
Por entre o silêncio longilíneo das faias,
voos eriçados de negro.**

Cães, numa corrida trôpega, vão de um lado para o outro, de repente param, e começam a escavar: língua de fora, pen-